



O BEM E O MAL

Moral, sendo um “Conjunto de regras que constituem os bons costumes, (...) consubstancia os princípios salutarés de comportamento de que resultam o respeito ao próximo e a si mesmo.

Decorrência natural da evolução, estabelece as diretrizes seguras em que se fundam os alicerces da Civilização, produzindo matrizes de caráter que vitalizam as relações humanas, sem as quais o homem, por mais avançado nos esquemas técnicos, poucos passos teria conseguido desde os estados primários do sentimento. (...)” (07)

Moral é, no dizer dos Espíritos que participaram da Codificação Espírita, “(...) a regra de bem proceder, isto é, de distinguir o bem do mal. Funda-se na observância da lei de Deus. O homem procede bem quando tudo faz pelo bem de todos, porque então cumpre a lei de Deus.” (03)

Melhor conceito, do que este anunciado, é difícil de se elaborar. De uma maneira objetiva e simples, os Espíritos superiores revelam-nos que a moralidade se fundamenta no progresso espiritual das pessoas, e é adquirido paulatinamente, através das diversas experiências reencarnatórias; isto porque, sua observância tem como base ou alicerce o conhecimento e prática da Lei de Deus, esclarecendo, sobretudo, que o progresso moral está intimamente ligado à prática do bem.

A partir do momento em que o relacionamento humano se expandiu pelas necessidades de vivências comutativas, sentiu o homem desejo de elaborar leis que estabelecessem organizações sociais mais apropriadas ao meio em que vivia. Nesse período evolutivo, os seres humanos começaram a fazer distinção entre o bem e o mal. “(...) Somente a partir de Sócrates passou a Moral a ser considerada pela Filosofia. (...)” (08) Até então, a moral era exercida arbitrariamente, de acordo com o equilíbrio ou desequilíbrio individuais.

O sentido de moralidade é um só; ou seja, é a norma de bem proceder em quaisquer circunstâncias, independente do estado sócio-econômico do indivíduo; devemos cuidar para não confundirmos conveniências sociais, as quais podem gerar dissolução dos costumes, com a verdadeira prática da moral.

Em qualquer época, o homem que conhece e pratica a Lei de Deus é um ser moral. É um ser que não se prende às superficialidades das convenções e dos modismos da chamada sociedade ou civilização moderna.

À medida que vamos aprendendo a distinguir o bem do mal, vamos nos moralizando. Isto porque fazer o bem é agir “(...) conforme à Lei de Deus; o mal, tudo o que lhe é contrário. Assim, fazer o bem é proceder de acordo com a lei de Deus. Fazer o mal é infringi-la.”(04) Pela inteligência, e acreditando em Deus, pode o homem distinguir o que é certo do que é errado.

“Deus promulgou leis plenas de sabedoria, tendo por único objetivo o bem. Em si mesmo encontra o homem tudo o que lhe é necessário para cumprilas. A consciência lhe traça a rota, a lei divina lhe está gravada no coração e, ao demais, Deus lha lembra constantemente por intermédio de seus messias e profetas, de todos os Espíritos encarnados que trazem a missão de o esclarecer, moralizar e melhorar e, nestes últimos tempos, pela multidão dos Espíritos desencarnados que se manifestam em toda parte. Se o homem se conformasse rigorosamente com as leis divinas, não há duvidar de que se pouparia aos mais agudos males e viveria ditoso na Terra. Se assim não procede, é por virtude do seu livre-arbítrio: sofre então as conseqüências do seu proceder.” (02)

“Entretanto, Deus, toda bondade, pôs o remédio ao lado do mal, isto é, faz que do próprio mal saia o remédio. Um momento chega em que o excesso do mal moral se torna intolerável e impõe ao homem a necessidade de mudar de vida. Instruído pela experiência, ele se sente compelido a procurar no bem o remédio, sempre por efeito do seu livre-arbítrio. Quando toma melhor caminho, é por sua vontade e porque reconheceu os inconvenientes do outro. A necessidade, pois, o constrange a melhorar-se moralmente, para ser mais feliz, do mesmo modo que o constrangeu a melhorar as condições materiais da sua existência.” (02)

A prática do bem está, pois, relacionada com o grau de responsabilidade do homem; com o progresso, o mal decrescerá automaticamente.”(...) O mal moral (...) tem um caráter relativo e passageiro; é a condição da alma ainda criança que se ensaia para a vida. Pelo simples fato dos progressos feitos, vai pouco a pouco diminuindo, desaparece, dissipa-se à medida que a alma sobe os degraus que conduzem ao poder, à virtude, à sabedoria!

Então a justiça patenteia-se no Universo; deixa de haver eleitos e réprobos; sofrem todos as conseqüências de seus atos, mas todos reparam, resgatam e, cedo ou tarde, se regeneram para evolverem desde os mundos obscuros e materiais até a Luz Divina (...).

O mal não tem, pois, existência real, não há mal absoluto no Universo, mas em toda a parte a realização vagarosa e progressiva de um ideal superior (...). Por toda a parte, a grande lida dos seres trabalhando para desenvolver em si, à custa de imensos esforços, a sensibilidade, o sentimento, a vontade, o amor! (...)” (06)

MENSAGEM BREVE (*)

“Realmente você tem razão quando afirma que o mundo parece modificado e que precisamos imenso desassombro para viver dentro dele.

Os últimos cinqüenta anos operaram gigantesca reviravolta nos costumes da Terra. A casa patriarcal que havíamos herdado do século XIX transformou-se no apartamento a depender-se nos arranha-céus; a locomotiva enfumaçada é quase uma jóia rara de museu à frente do avião que elimina distâncias; a gazeta provinciana foi substituída pelos jornais da grande imprensa; e os saraus caseiros desapareceram, ante a invasão do rádio, cuja programação domina o mundo.

O automóvel, o transatlântico, o cinema e a televisão constituem outros fatores de in-forme rápido, alterando a mente do povo em todos os climas.

E a garantia dos cidadãos? Em quase todos os países, há leis de segurança para empregados e patrões, homens e mulheres, jovens e crianças.

Há direitos de greve, licença, litígio e descanso remunerado.

Existem capitães da indústria e comércio, acumulando riquezas mágicas de um dia para outro, desde que não sonquem o imposto relativo aos monopólios que dirigem contra a harmonia econômica.

Temos operários desfrutando inexplicável impunidade, na destruição das casas em que trabalham, com a indisciplina protegida em fundamentos legais.

Há jovens amparados na difusão da leviandade e da mentira, sem qualquer constrangimento por parte das forças que administram a vida pública.

Não estamos fazendo pessimismo.

Sabemos que o mundo permanece sob o governo místico das rédeas divinas e não ignoramos que qualquer perturbação é fenômeno passageiro, em função de reajuste da própria região onde surge o desequilíbrio.

Com as nossas observações, tão somente nos propomos reconhecer que a criatura de nossa época está mais livre e, por isso, mais destacada em si mesma.

Nos grandes períodos de transição, qual o que estamos atravessando, somos como chamados pela Sabedoria Divina a provar nossa maturidade interior, nossa capacidade de autodi-reção.

Daí resulta a desordem aparente, em que somos compelidos à revelação da própria individualidade.

Na organização coletiva, no grupo social, na equipe de trabalho ou no reduto doméstico, vê-se o homem de hoje obrigado a mostrar-se tal qual é, classificando-se, de imediato, pela própria conduta.

As dissensões, os conflitos, as lutas e os embates de todas as procedências oferecem a impressão de caos, provocando a gritaria dos profetas da decadência, e, por isso mesmo, as almas que não se armaram de fé e que não se sustentaram fiéis às raízes simples da vida sofrem pavorosos desastres psíquicos, que as situam nos escuros domínios da alienação mental.

Cresce a loucura em todas as direções.

O hospício é a última fronteira dos enfermos do espírito, de vez que se agitam eles em todos os setores de nosso tempo, à maneira de consciências que, impelidas ao auto-exame, tentam fugir de si mesmas, humilhadas e estarecidas.

Em razão disso, creia que o melhor caminho para não cair nas mãos dos psiquiatras é o ajustamento real de nossa personalidade aos princípios cristãos que abraçamos, porque o problema é da alma e não da carne.

Não precisaremos discutir.

A hora atual da Terra é inegavelmente dolorosa, mas a tempestade de hoje passará, como as de ontem.

Refugiemos-nos em Cristo.

O Senhor é a nossa fortaleza.

Se tivermos bastante coragem de viver o Cristianismo em sua feição pura, na condição de solitários carregadores de nossa cruz, poderemos encarar valorosamente a crise e dizer-lhe num sorriso confiante: — **vamos ver quem pode mais.**

(*) XAVIER, Francisco Cândido. In: Cartas e Crônicas. Pelo Espírito Irmão X. 9 ed. Rio [de Janeiro]: FEB, 1996. Págs. 167-169.

FONTES DE CONSULTA

01 - KARDEC, Allan. O bem e o mal. In:_. A Gênese. Trad. de Guillon Ribeiro. 35 ed. Rio [de Janeiro]: FEB, 1992. Item 3, pág.70

02 - Itens 6-7, págs. 71-72.

03 - Da Lei Divina ou Natural. In:_. O Livro dos Espíritos. Trad. de Guillon Ribeiro. 76. ed. Rio [de Janeiro]: FEB, 1995. Perg. 629, pág. 310.

04 - Perg. 630, pág. 310.

05 - Perg. 637, pág. 312.

06 - DENIS, Léon. Justiça e responsabilidade. O problema do mal. In:_. O Problema do Ser, do Destino e da Dor. 16. ed. Rio [de Janeiro]: FEB, 1991. Págs. 293-294.

07 - FRANCO, Divaldo Pereira. Moral. In:_. Estudos Espíritas. Pelo Espírito Joanna de Ângelis. 6. ed. Rio [de Janeiro]: FEB, 1995. Pág. 163.

08 - Pág. 164.